

ONDJAKI • Continuação da página 1

‘Contar histórias ajuda a lamber feridas’

Escritor diz que Angola se recupera como um ‘animal cansado’ e acredita na força e na cultura otimistas do povo

Fotos de José Silva Pinto/Divulgação

O GLOBO: Você já tem uma obra infanto-juvenil (“Ynari, a menina das cinco tranças”) e “Bom dia camaradas” pode conquistar leitores de qualquer idade, dos oito aos 80 anos. Sua ideia original era escrever para um público mais jovem?

ONDJAKI: Não penso muito no público. No conteúdo, sim, penso muito. Sigo a ideia, o coração, e depois há, evidentemente, muito labor. Mas normalmente, mesmo em poesia, a minha ideia é contar uma história. Ser sério nisso, isto é, ir por caminhos literários, e se eu me preocupar muito com quem vai ler, penso que estarei a seguir caminhos menos literários. A ideia pode virar livro. O livro tem que viver por ser um bom livro.

• Como é contar parte da história de um país que ainda não teve as feridas totalmente cicatrizadas? Uma criança daria à narrativa um distanciamento ao mesmo tempo sincero e tenro sobre o que se passou?

ONDJAKI: Tive que fazer um esforço por ser a criança que contava a história e o adulto que escrevia o livro, em simultâneo. No entanto, adorei a experiência, porque as crianças são cruéis entre si, mas generosas com o mundo real e até com os adultos. Foi esse exercício que tentei criar. Penso que contar histórias pode ajudar a lamber feridas, a acalá-las. Nós, em Luanda, fomos muito felizes, muito soltos e Luanda sempre sofreu pouco com a guerra, as crianças de Luanda eram muito privilegiadas em relação às crianças que viviam em zonas do país onde a guerra sempre foi mais intensa. Julgo que cada um deve contar a sua visão, a sua pintura do que viu ou viveu. A História também é contada com versões personalizadas do real.

• Como a história do país influenciou a sua própria história e a sua literatura? Há outros livros seus que falam daquele período conturbado ou você prefere vê-los mais livres?

ONDJAKI: Eu prefiro vícios literários, com estéticas pessoais, e o vício literário deve ser livre. Mas foi e sou muito influenciado por todo o processo histórico, que é tumultuoso mas fértil. Percebo a uma geração que é a primeira a crescer num país independente, e portanto há aqui um privilégio se quisermos, mas uma grande responsabilidade. Há livros meus que passam pelo real. Há um outro romance, “Quantas madrugadas tem a noite”, que fala do cotidiano de uma Luanda mais atual, uma vez que “Bom dia camaradas” aborda mais os anos 80. Mas para mim os livros têm uma história própria, uma visão que às vezes se encontra com a História e com Angola, e às vezes não.

• Escrever sobre a guerra ou sobre a reconstrução de um país, ainda que por caminhos ficcionais, é um destino incontornável de autores que vivem num território em conflito? Na Flap você estará na mesa “África, África” ao lado do nigeriano Uzodinma Iweala, que está lançando um livro (“Feras de lugar nenhum”, Nova Fronteira) sobre crianças tomadas como soldados pelas guerrilhas.

ONDJAKI: Todos os caminhos são válidos, para todos os escritores. Sejam angolanos, bônios, chechenos ou irlandeses. Mas para quem saiu de épocas de conflito armado, sim, considero normal que essas temáticas apareçam nas suas obras. Mas, sinceramente, não me ofende que escritores angolanos optem por não falar de guerra, depende muito do caminho de cada um. Gostei do título da mesa, com esse plural sugestivo, “África”, esse é tempo de se escrever



FOTOS DE LUANDA feitas para o documentário “Oxalá cresçam pitangas”, de Ondjaki e Kiluanje Liberdade, sobre a capital angolana

ritoriais e até culturais, mas no fundo cada território social pode conter um universo. E é bonito que assim seja.

• Como está hoje Angola? O fato de um mesmo presidente (José Eduardo dos Santos, do MPLA) estar no poder desde 1979, com novas eleições sempre adiadas, é visto como estabilidade ou retrocesso?

ONDJAKI: Esta resposta quase que dava um livro, e não gostaria de ser eu a escrevê-lo. Luanda está como outras capitais, num pós-guerra muito complicado, mas com um bom econômico que só mais tarde iremos a entender na íntegra. O país está a recuperar, como um animal cansado que, com tantas cicatrizes, vai decidindo com a língua que feridas atender primeiro. Há o

povo com a sua força inerente, com a sua cultura otimista, com a sua festança, e há os líderes. Vais tentando, mas és cedo para falar de resultados. Quanto à presença do presidente no poder há tanto tempo, claro que visto assim parece que algo está mal, mas é necessário rever todo o processo histórico para entender esta presença contínua. Houve o período do partido único, houve uma primeira eleição que foi interrompida por combates, e finalmente esperamos pelas próximas eleições. Julgo, contudo, que a sua presença nesta fase é vista como um fator de estabilidade. Mas este tema dava outro livro que, sinceramente, também não gostaria de ser eu a escrever.

• Você diz que escrever é tam-

bém sugerir outras vidas, mais do que outras leituras. Como você enfrenta essa “responsabilidade”?

ONDJAKI: Só posso enfrentar com leveza, naturalidade e humildade. É interessante quando falamos conosco ou nos escrevemos comentando coisas verdadeiramente profundas das nossas obras. Nesse momento, penso que partilho algo de intenso com o leitor, e que isso aconteceu por via das palavras. O escritor, por vezes, sugere caminhos, no sentido em que alerta a sensibilidade dos outros para novas direções. E os leitores também. Essa é a vantagem de o mundo ser redondo: parece que os sentimentos, as lágrimas e as verdades escorregam entre as pessoas. Já dizia o mestre Guimarães, quando nada acontece há um milagre que não estamos

vendo. Felizmente acontece sempre qualquer coisa...

• Quais foram os autores que sugeriram a você outras vidas? Sua ligação com a literatura brasileira é muito forte. Eles foram mais ou menos importantes na sua formação que autores de outras nacionalidades?

ONDJAKI: Mais do que os autores foram os livros. Evidentemente que há autores por detrás deles, não quero menosprezá-los, o que sinto é que as vozes que me emocionaram vinham diretamente das obras, do resultado de uma construção, mais do que da mente de uma pessoa. Gosto muito da palavra construção, se posso referi-la, e isto também veio dos livros: os livros reconstróem pessoas, vidas interiores, destroem dogmas, refazem sonhos, reencami-

nham-nos. É bom. Muito bom. Lembro com carinho “Cem anos de solidão” (García Márquez), também “Vidas secas” (Graciliano Ramos), “João Vêncio: os seus amores” (Luandino Vieira), também “Quem me dera ser onça” (Manuel Rui). Não posso esquecer “Retrato do artista quando coisa”, do mais velho Manoel de Barros. Sim, a ligação com os autores brasileiros é muito forte, e ainda está a crescer: o primeiro, devo confessar, que me fez muito bem embora sofresse com ele, foi Graciliano. Ele é muito poderoso. Depois li outros, até hoje tenho saudades de vir a conhecer a Clarice Lispector... E alguns foram ficando amigos: conversar com o Luiz de Assis Brasil, o Tabajara Ruas, o Luiz Ruffato, a Adriana Lisboa, o Flávio Moreira da Costa, o Paulinho Assunção faz bem à alma e aos olhos. Não refiro conversas com o Luis Fernando Veríssimo porque ele fala pouquinho... mas vai dizendo coisas com o olhar também.

• Quais os pontos de contato entre as culturas brasileira e angolana? E o que você espera encontrar em Paraty?

ONDJAKI: Acho que há pontos de contato culturais, gastronômicos, musicais. Gostaria que houvesse muito mais troca intelectual, mais livros, mais teatro, mas também mais interferência mútua no ensino. A interferência multidirecional também, isto é, a informação e sobretudo a cultura deveria circular melhor entre os nossos países... Quanto a Paraty, vou de olhos e coração aberto. Espero encontrar palavras, certamente. Livros. Pessoas. Novas visões. Vivemos um momento mundial e social muito crítico, muito sério. A mudança tem que surgir de todos os lados. Oxalá cada voz pudesse ser um grito e que sendo voz ou grito, fosse escutado.

• Você já navegou pelas águas das artes plásticas e agora muito seriamente o cinema. Qual o casamento mais perfeito até agora?

ONDJAKI: O que mais tempo me ocupa, tempo interno, é a escrita. Penso que se escreve também com o que nos acontece por dentro, com todos os ecos que se vão escutando, novas foras os passarinhos. Há muita escrita nos intervalos de escrita. E essas vezes são, em mim, cada vez mais intensas. Aceito-as. E isso, e o resto, roteiros, pintura, etc., são exercícios de sensibilidade. Claro que pinto cada vez menos, e os roteiros me dão prazer, mas são também isolados. Os documentários ocupam um espaço diferente, e enquadram-se no que já falamos de Angola ser uma jovem nação. Há a necessidade de registrar, seja em formato mais conservador, digamos, ou num formato de documentário mais criativo, ficcionado. Mas é necessário registrar. Dou grande primazia à escrita e é com a palavra de escrever que tenho mais relações de intimidade. De um pai

Literatura angolana hoje: empenho e arte

Rita Chaves

• Presente em nossos noticiários sob o signo da tragédia — de que a fome, as doenças e as guerras constituem dados de relevo — ou pela via do exótico, Angola pode ser notícia por outras razões, aí incluindo-se a sua produção artística, resultado do trabalho extraordinário de seus melhores escritores para vencer o desânimo gerado pelas vicissitudes de sua História.

O prolongamento da empresa colonial, o desdobramento de conflitos num quadro que só se interrompe em 2002, as enormes dificuldades que ainda atingem a maior parte dos países africanos são elementos de um panorama que poderia roubar à literatura a possibilidade de ser algo mais que um instrumento no interior de um plano maior.

Olhar esse repertório hoje abre-nos a chance de conhecer melhor a diversidade desse sistema literário pouco conhecido e de reconhecer algumas

obras que nos trazem referências significativas: de Pepetela destacam-se “Mayombe”. “A geração da utopia” e “Parábola do cágado velho”. De Manuel Rui temos o “Rioseco”; José Eduardo Agualusa dá-nos “Estação das chuvas”. De Sousa Jamba, há “Patriotas”. Seus eleitos também se manifestam no incrível cotidiano das personagens de “Mãe, materno mar”, de Boaventura Cardoso. Assim como participam do enredo de “Bom dia, camaradas”, livro de estréia de Ondjaki, que agora ganha edição brasileira.

Uma incursão pela poesia levamos a encontrar a guerra inclusive como base de uma modalidade literária, a poesia de guerrilha, que teve expressão no livro “Poesia com armas”, de Costa Andrade, entre outros. Seguindo outros trilhos e num tempo mais recente, surgiu a antologia “Memória de tanta guerra”, reunindo o trabalho excepcional de Ruy Duarte de Carvalho, que também focaliza a guerra e suas consequências em “Actas da

memória”. Uma das razões para

nômeno da escrita na contemporaneidade. Embora constante, a presença da guerra não limitou a capacidade criativa dos autores. Elemento temático em muitas obras, em algumas a guerra soube penetrar a estrutura e daí resultam alguns belos textos dessa literatura. É o caso muito especial de “Nós, os do Makulusu” (publicado no Brasil em 1991), de José Luandino Vieira, narrativa em que a vivência do desconcerto do mundo incide sobre o ato de narrar e desdobra-se num texto complexo, denso, fabuloso. Se a perplexidade é marca do homem moderno, no contexto angolano esse sentimento enraíza-se na experiência da divisão que está no centro de tantos dilemas, indica-nos o narrador dilacerado.

Nome incontornável na ficção angolana, Luandino imprimiu marcas na literatura de seu país. De diferentes modos, no enfrentamento dos dilemas que a situação histórica coloca, verificamos que a produção

de seus mais significativos textos, e, talvez, possam ser sintetizadas no par tradição/modernidade, que no terreno da linguagem desdobra-se em oralidade/escrita, relação tão bem trabalhada em “Nós, os do Makulusu” e “João Vêncio: os seus amores”, também de Luandino.

Atualizando diferentes posturas e concepções literárias, os autores do presente angolano, de que Ondjaki faz parte, reconhecem a urgência de equacionar esses dois pólos em sociedades marcadas pela simultaneidade de tempos culturais diversos. Em meio a contradições tão fundas que as três décadas decorridas desde a independência não puderam resolver, o sistema literário angolano amadurece, confrontando-se diretamente com a dinâmica interna e com os ventos da globalização que interdita a utopia que modulou o seu projeto nos anos 50. Felizmente, entretanto, o sentido de resistência exercitado também na prática literária ajuda a superar as dificuldades

porque e tempo de se entender que as realidades são múltiplas e multiculturais em todo o mundo. E não se trata de tal globalização, o mundo nunca foi tão homogêneo como muita gente quer fazer parecer. Existem "américas", "europas", "ásias", como dentro do Brasil existem "brasis" e Angola está cheia de "angolas". Existem manchas ter-

minantes que nos revelam o país e as concepções de literatura que ali se formulam e atualizam. É verdade que no plano temático não se pode negar a relevância da guerra, ou melhor, das guerras à que as populações angolanas foram condenadas. De pronto, podemos recordar autores e

maaianga, livro de gênero impreciso, situado entre o diário de viagens, reflexões de direção ensaística, coletânea de crônicas... À dificuldade de classificação que o leitor enfrenta no tocante a esta obra contrapõe-se a importância que ela tem para os que se interessam por Angola e pelo fe-

ção contemporânea investe na articulação de redes de oposição como passado/presente, negro/branco, campo/cidade, interno/externo, consciência/alienação, colônia/metrópole, assimilação/raiz. São questões que atravessam a produção literária angolana hoje, ecoando na fatura de al-

ajuda a assegurar a dimensão inventiva a que a arte não pode renunciar.

RITA CHAVES é professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na USP e autora de "A formação do romance angolano" e "Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários"

ue innumeras. fiz com um amigo um documentário (sobre Luanda) em tempo recorde e com pouco dinheiro, foi muito difícil, mas acabamos. Está bom. Podia ser melhor? Sim, claro. Podíamos ter tido mais dinheiro? Sim, se nos tivessem dado. Faremos outros filmes apesar das mesmas dificuldades? Espero que sim. (Márya Millen) ■